

Fernando Antonio Prado Gimenez

Rafael Stefenon

Edmundo Inácio Júnior

ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES

O que são e para que servem?

The logo for PUCPRESS, featuring a stylized graphic of a building or structure above the text "PUCPRESS".

PUCPRESS

Fernando Antonio Prado Gimenez
Rafael Stefenon
Edmundo Inácio Júnior

ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES

O que são e para que servem?


PUCPRESS
CURITIBA
2022

© 2022, Fernando Antonio Prado Gimenez, Rafael Stefenon e Edmundo Inácio Júnior
2022, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Tревilatto

PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Janayne do Amaral

Revisão: Juliana Sant'Ana e Clarisse Lye Longhi

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Diagramação: PUCPRESS

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da

Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Conselho Editorial

Alex Vicentim Villas Boas

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiottto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amíssis Amorim

Eduardo Damiano da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk - CRB 9/1118

G491e
2022

Gimenez, Fernando Antonio Prado

Ecosistemas empreendedores : o que são e para que servem? / Fernando Antonio Prado Gimenez, Rafael Stefenon, Edmundo Inácio Júnior. - Curitiba : PUCPress, 2022.

200 p. ; 23 cm

ISBN: 978-65-5385-018-7

ISBN: 978-65-5385-011-8 (e-book)

Inclui bibliografias

1. Empreendedorismo. 2. Incubadoras de empresas. 3. Empresas novas.
4. Inovações tecnológicas. I. Stefenon, Rafael. II. Inácio Júnior, Edmundo.
III. Título.

22-123

CDD 20. ed. - 658.421

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
1 EMPREENDEDORISMO: DO FOCO NA PESSOA PARA A RELEVÂNCIA DO CONTEXTO	15
2 O QUE SÃO ECOSISTEMAS EMPREENDEDORES.....	23
<i>O modelo GEM e as condições que afetam o empreendedorismo</i>	28
<i>O modelo de ecossistema empreendedor de Daniel Isenberg.....</i>	30
<i>O modelo de ecossistema empreendedor de Brad Feld</i>	32
<i>O modelo de ecossistema empreendedor do Startup Genome e Global Entrepreneurship Network.....</i>	34
<i>O modelo sintético da Aspen Network of Development Entrepreneurs.....</i>	35
<i>O modelo de ecossistema empreendedor do Fórum Econômico Mundial.....</i>	36
<i>O modelo do índice de condições sistêmicas para o empreendedorismo dinâmico</i>	38
<i>O modelo de ecossistema empreendedor sustentável de Kathrin Bischoff e Christine Volkmann</i>	39
<i>O modelo de ecossistema empreendedor de Erik Stam</i>	40
<i>O modelo do ecossistema empreendedor digital e o Índice da Economia de Plataforma Digital</i>	43
3 A DINÂMICA EVOLUTIVA DOS ECOSISTEMAS EMPREENDEDORES	47
4 DUAS PERSPECTIVAS COMPLEMENTARES SOBRE OS ECOSISTEMAS EMPREENDEDORES	61
<i>Ecossistemas empreendedores em forma de narrativas</i>	61
<i>Ecossistemas empreendedores como redes de relações</i>	64

5 CONFIGURAÇÕES DE ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES	69
6 A EFICIÊNCIA E OS EFEITOS DOS ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES EM MÚLTIPLOS NÍVEIS.....	77
<i>A eficiência dos ecossistemas empreendedores</i>	<i>77</i>
<i>Efeitos nos empreendedores</i>	<i>81</i>
<i>Efeitos nas empresas.....</i>	<i>82</i>
<i>Efeitos na sociedade</i>	<i>83</i>
7 POLÍTICAS PÚBLICAS EM ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES	87
8 ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES NO BRASIL.....	95
9 INTERNACIONALIZAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO, DIGITALIZAÇÃO E ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES	109
CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS.....	119
BIBLIOGRAFIA ADICIONAL.....	135
<i>Artigos em periódicos brasileiros.....</i>	<i>136</i>
<i>Artigos em periódicos estrangeiros.....</i>	<i>139</i>
1. <i>Conceitos, componentes e processos de ecossistemas empreendedores.....</i>	<i>139</i>
2. <i>Estudos revisionais e bibliométricos.....</i>	<i>144</i>
3. <i>Ecossistemas empreendedores sustentáveis</i>	<i>146</i>
4. <i>Políticas públicas e ecossistemas empreendedores</i>	<i>148</i>
5. <i>Ecossistemas e universidades empreendedoras</i>	<i>150</i>
6. <i>Desempenho, benefícios e impactos dos ecossistemas empreendedores.....</i>	<i>153</i>
7. <i>Ecossistemas empreendedores em nível organizacional... </i>	<i>156</i>
8. <i>Incubadoras, aceleradoras e outras organizações de apoio em ecossistemas empreendedores.....</i>	<i>157</i>
9. <i>Formas e mecanismos de financiamento em ecossistemas empreendedores.....</i>	<i>160</i>
10. <i>Inovação, tecnologia, pesquisa e desenvolvimento e conhecimento em ecossistemas empreendedores.....</i>	<i>161</i>

11. <i>Ecossistemas empreendedores em regiões periféricas, rurais e cidades pequenas</i>	165
12. <i>Ecossistemas empreendedores na América Latina</i>	166
13. <i>Ecossistemas empreendedores em outros países</i>	168
14. <i>Inclusão, gênero, jovens e outras minorias em ecossistemas empreendedores</i>	173
15. <i>Internacionalização, globalização e ecossistemas empreendedores</i>	175
16. <i>Empreendedorismo social, lógicas híbridas e ecossistemas empreendedores</i>	176
17. <i>Ecossistemas empreendedores e a pandemia de Covid-19</i>	177
18. <i>Outros temas</i>	178
<i>Livros</i>	181
APÊNDICE A: INSTITUIÇÕES DE ENSINO E PESQUISA, PESQUISADORES E PERIÓDICOS DE MAIOR ENVOLVIMENTO COM ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES.....	185
APÊNDICE B: ORGANIZAÇÕES E FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE OS ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES	193



APRESENTAÇÃO

A ideia deste livro surgiu quando os seus três autores estavam envolvidos em estudos sobre os ecossistemas empreendedores. Com base em uma revisão da literatura brasileira e internacional sobre o tema, percebeu-se que não havia muito material escrito em língua portuguesa.

Dessa forma, com o propósito de ampliar o acesso de estudiosos, empreendedores e formuladores de políticas públicas, em qualquer nível de governo, a questões e aspectos relevantes dos ecossistemas empreendedores, decidiu-se por escrever esse material em formato de livro.

Tendo em vista a diversidade de públicos a que esta publicação se destina, optou-se por uma linguagem, sempre que possível, menos acadêmica. A intenção é que o livro possa ajudar aqueles que busquem informações introdutórias sobre ecossistemas empreendedores. Ao longo dos nove capítulos que o integram, além da Introdução e da Conclusão, foi abordada uma sequência de temas que permitirão ao leitor uma visão abrangente sobre os ecossistemas empreendedores e seus antecedentes, bem como a diversidade de modelos existentes. O leitor também conhecerá os potenciais efeitos e benefícios que os ecossistemas empreendedores acarretam e as formas de políticas públicas de os estimularem. Na Conclusão do livro, apresenta-se uma síntese da noção de ecossistema empreendedor. Nela, conforme a visão predominante entre os estudiosos desse campo, a figura do empreendedor assume papel central com a representação de várias camadas do ecossistema empreendedor ao seu redor.

Ao mesmo tempo, pensou-se na possibilidade de que o livro pudesse ser uma fonte de consulta mais geral sobre os ecossistemas empreendedores. Assim, ao final do livro, encontra-se uma extensa bibliografia adicional, bem como algumas informações sobre onde e por quem o tema dos ecossistemas empreendedores tem sido mais investigado enquanto campo de pesquisa.

De igual forma, o anexo deste livro apresenta uma lista de organizações brasileiras e estrangeiras que têm produzido, ao longo do tempo, estatísticas, relatórios e estudos sobre os ecossistemas empreendedores. Para cada organização identificada, há uma breve descrição de seu escopo e o endereço de seu sítio na internet.

Em suma, além do caráter introdutório deste livro, a esperança é que ele sirva de fonte de informação para os diversos públicos que podem se interessar pelos ecossistemas empreendedores.



INTRODUÇÃO

Ecossistema empreendedor é um conceito que vem recebendo cada vez mais atenção tanto no mundo acadêmico quanto no campo da ação governamental. Um dos primeiros autores a se referir a esta noção foi Boyd Cohen que, em 2006, publicou um artigo na revista *Business Strategy and the Environment*.¹ Ele abordou como uma comunidade poderia evoluir e se tornar um “vale sustentável” em que um conjunto de tecnologias inovadoras e sustentáveis pudesse surgir em uma região geográfica por meio de novos empreendimentos.

Quatro anos depois, Daniel Isenberg publicou um artigo na *Harvard Business Review*² que rapidamente se tornou um dos trabalhos mais referenciados na nascente literatura sobre os ecossistemas empreendedores, que começou a se expandir a partir de 2012. O autor sugeriu que uma abordagem mais ampla dos ecossistemas empreendedores poderia auxiliar os governos a obter crescimento econômico desde que esforços e políticas públicas focassem em maior envolvimento do setor privado, modificação de normas culturais, remoção de barreiras regulatórias, entre outros assuntos.

Apesar dessa crescente atenção com o tema dos ecossistemas empreendedores, que se acentuou recentemente, os estudiosos do campo do empreendedorismo têm apontado a relevância de se entender a influência de fatores ambientais ou contextuais na criação de novos empreendimentos ou na incorporação de novas atividades empreendedoras em organizações já existentes.³

Por exemplo, um dos ecossistemas empreendedores mais comentados, seja na literatura acadêmica, seja na imprensa de negócios, situado no estado da Califórnia nos Estados Unidos, foi objeto de um estudo publicado em 1995 por Homa Bahrami e Stuart Evans.⁴ Os autores apresentam uma breve história da formação do ecossistema empreendedor que passou a ser conhecido por *Silicon Valley*, e descrevem seus principais componentes: institutos de pesquisa e universidades;

¹ Cohen (2006).

² Isenberg (2010).

³ Veja, entre outros, Cooper (1981); Gartner (1985); Malecki (1990).

⁴ Bahrami e Evans (1995).

capital de risco; infraestrutura de suporte; espírito empreendedor; usuários líderes; e talentos humanos. Ao fazer essa descrição, Homa Bahrami e Stuart Evans enfatizaram a necessidade de se compreender a dinâmica do ecossistema tanto ao nível global quanto ao nível de cada empreendimento, para melhor se perceber as relações simbióticas entre suas partes.⁵

Um pouco antes da descrição do *Silicon Valley* por Homa Bahrami e Stuart Evans, Andrew Van de Ven⁶ trouxe uma contribuição significativa para a visão sistêmica do contexto em que ocorrem as ações empreendedoras. Ele apresentou a ideia de uma infraestrutura para o empreendedorismo e descreveu seus componentes: arranjos institucionais para legitimar, regular e padronizar uma nova tecnologia; dotações de recursos públicos para conhecimento científico básico; mecanismos de financiamento para novas empresas; um conjunto de trabalhadores competentes; projetos de pesquisa e desenvolvimento com resultados protegidos por patentes e outras formas de registro de propriedade; e atividades de manufatura, marketing e distribuição em empresas privadas empreendedoras para comercializar inovações com fins lucrativos.

Os últimos cinco anos testemunharam um crescimento surpreendente nos estudos que aplicaram a abordagem ecossistêmica à pesquisa em empreendedorismo. Nos textos mais recentes, muitos esforços têm sido direcionados para operacionalizar o conceito de ecossistema empreendedor, identificando e descrevendo seus componentes, apontando sua relevância para orientar a formulação e implementação de políticas públicas empreendedoras e debatendo sobre o nível geográfico adequado para sua aplicação. Há também contribuições que se voltam para as maneiras de diagnosticar ou mensurar um ecossistema empreendedor. Outro ponto de destaque na literatura recente está centrado na dinâmica evolutiva dos ecossistemas empreendedores e sua contribuição para um desenvolvimento sustentável das regiões em que se formam.

Todo esse crescimento está associado à crença dos benefícios que a cooperação em múltiplos níveis de atuação pode trazer para uma

⁵ Um relato muito interessante sobre a "pré-história" (entre 1900 e 1950) do *Silicon Valley* está disponível em Adams (2021).

⁶ Van de Ven (1993).

região. Assim, uma ação concertada que envolva diferentes atores de governos, da iniciativa privada com ou sem fins lucrativos, e das instituições de ensino e pesquisa, pode levar uma região a se desenvolver de forma mais equilibrada e sustentável, gerando empregos, renda e riqueza para sua população. Isto se dá pela possibilidade de surgimento de novas empresas e organizações que, baseadas em inovações tecnológicas de produtos e/ou processos, ao mesmo tempo que competem em seus mercados, cooperam de forma estruturada para a consolidação do ecossistema empreendedor regional.

Esta visão pode ser constatada, por exemplo, na explicação de Olav Spilling⁷ sobre o desenvolvimento econômico resultar de processos complexos em que estão interligados: empreendimentos em estreita interação uns com os outros e com fatores ambientais; infraestrutura; instituições públicas; e sistemas de produção avançados. Outro aspecto relevante foi adicionado por Erik Stam que chamou a atenção para o que denominou empreendedorismo ambicioso e sua relação com o crescimento econômico.⁸ Para o autor, os empreendedores ambiciosos exploram oportunidades de novos bens e serviços visando o máximo valor agregado. Isso acarreta maior probabilidade de obtenção de crescimento, inovação e internacionalização de suas empresas. Assim, um ingrediente importante de ecossistemas empreendedores é a capacidade de atrair e estimular a atuação desse tipo de empreendedor. Denominações deste tipo de empreendedorismo como produtivo ou inovador são frequentes na literatura e demonstram a ênfase em processos e produtos inovadores como centrais aos ecossistemas empreendedores.

Embora a ideia de ecossistemas empreendedores possa ser considerada equivalente às noções de arranjos produtivos locais ou ecossistemas de inovação, há argumentos que advogam pela distinção entre esses campos de estudo e de ação empresarial e de governo.

A principal distinção entre os três conceitos se associa ao objeto de estudo de cada um. Enquanto arranjos produtivos locais, em geral, se referem a aglomerações de empresas de um setor produtivo em que estão presentes outras organizações de apoio e de infraestrutura,

⁷ Spilling (1996).

⁸ Stam (2015).

a perspectiva dos ecossistemas empreendedores é, em geral, multissetorial e foca nas condições que permitem às pessoas criarem novos empreendimentos.

Por outro lado, os estudos de ecossistemas de inovação consideram aspectos contextuais e institucionais de determinadas regiões, com destaque para os efeitos que estes têm sobre os esforços inovativos das organizações. Já na perspectiva dos ecossistemas empreendedores, o foco está na forma como fatores ambientais estimulam ou restringem a ação empreendedora que pode ou não decorrer de inovações. Todavia, há uma tendência de se valorizar a ação empreendedora baseada em inovações como o cerne das políticas públicas voltadas à formação e à consolidação de ecossistemas empreendedores.

Em síntese, pode-se dizer que os ecossistemas empreendedores se diferenciam de outras abordagens sistêmicas no campo do empreendedorismo. E isso porque, em primeiro lugar, seu foco central recai sobre a atividade empreendedora, especialmente a de maior impacto. Em segundo lugar, busca explicar como ambientes locais e regionais podem se tornar espaços em que haja as condições necessárias para que o empreendedorismo ambicioso surja e se desenvolva. Por fim, essas explicações se baseiam nas interações entre as condições estruturais, a cultura local e os ambientes geográficos. Essas interações entre empreendedores e outros atores locais enfatizam a cooperação para o fortalecimento do ecossistema empreendedor e melhoria de qualidade de vida da população.

Assim, conforme afirmado por Erik Stam, a abordagem dos ecossistemas empreendedores traz uma nova visão econômica das pessoas, redes e instituições em que se busca entender como determinada região, seja uma localidade, uma cidade, estado ou país, se transforma em um ambiente favorável para o surgimento de novos empreendedores que produzirão efeitos benéficos em termos de desenvolvimento social e econômico.

Neste livro, apresenta-se uma visão panorâmica da evolução dos estudos sobre os ecossistemas empreendedores. Para isso, ele começa com uma síntese dos antecedentes que levaram à consolidação do termo ecossistema empreendedor como relevante para o desenvolvimento sustentável. Em seguida, descrevem-se alguns dos modelos teóricos que

apresentaram contribuições mais significativas para a consolidação deste campo de conhecimento recente. No terceiro capítulo, a atenção está na dinâmica e evolução dos ecossistemas empreendedores. O quarto capítulo apresenta duas perspectivas complementares à visão predominante dos ecossistemas empreendedores apresentada no segundo capítulo. O quinto capítulo é dedicado à discussão de ecossistemas empreendedores enquanto configurações distintas de atributos diversos e como estas podem ter diferentes graus de eficiência. No próximo, comenta-se sobre os efeitos dos ecossistemas empreendedores na sociedade como um todo, nas organizações, e nas pessoas. O sétimo capítulo discorre sobre políticas de apoio ao empreendedorismo e as implicações que surgem da adoção de uma visão orientada por ecossistemas empreendedores. No oitavo capítulo faz-se a descrição dos ecossistemas empreendedores no Brasil a partir de resultados de pesquisas feitas por algumas instituições. No último capítulo, são abordados temas que evidenciam as possíveis conexões internacionais e globais dos ecossistemas empreendedores, bem como sua possível presença em um mundo digital. Por fim, a Conclusão do livro aponta para uma visão de múltiplas camadas do ecossistema empreendedor com seus componentes mais relevantes.



1 EMPREENDEDORISMO: DO FOCO NA PESSOA PARA A RELEVÂNCIA DO CONTEXTO

O empreendedorismo é um campo de estudos que não é muito antigo. Apesar de se encontrar o uso do termo, no campo da Economia, nos séculos XVIII e XIX, foi em meados do século XX que surgiram esforços mais sistematizados e frequentes de estudos e pesquisas nesse campo. Esse esforço se intensificou no início da década de 1980, com a consolidação de congressos e revistas acadêmicas dedicadas ao empreendedorismo.

Data dessa década, também, a crescente preocupação dos agentes públicos com a formulação e a implementação de políticas públicas de estímulo ao surgimento de novas empresas. Inicialmente, as políticas eram focadas no apoio ao surgimento de pequenas empresas, visto que no começo dos anos 1980, a partir de estudos de David Storey⁹, percebeu-se a relevância delas para a geração de empregos. Posteriormente, o foco dessas políticas foi se tornando mais amplo, procurando estimular ações empreendedoras e aglomerações setoriais de empresas que, ainda, eram centradas em pequenas empresas, mas com um componente mais acentuado de inovação.

Ao longo desse período, o significado de empreendedorismo e a ênfase dos estudos que buscavam compreendê-lo foi se transformando. Inicialmente, o foco estava no entendimento das características ou atributos pessoais dos que decidiam abrir uma nova empresa. Posteriormente, retomando as ideias de Joseph Schumpeter, o conceito se consolidou em torno do reconhecimento da inovação como central ao fenômeno. Atualmente, os estudos em empreendedorismo tratam de questões e aspectos que podem ser individuais, organizacionais, educacionais e sociais. Isso resulta no uso do adjetivo empreendedor para qualificar pessoas, organizações, regiões, educação e sociedades.

⁹ Storey (1981; 1985).

Joseph Schumpeter¹⁰ foi um economista de origem austríaca que se radicou nos Estados Unidos. Ele é reconhecido amplamente pela contribuição que trouxe para o conhecimento econômico. Em 1934, Joseph Schumpeter definiu o empreendedorismo como a realização de novas combinações de recursos, incluindo fazer coisas novas ou coisas que já são feitas, mas de novas maneiras. Joseph Schumpeter afirmava que o novo não seria alcançável a partir do antigo mediante passos infinitesimais. Ou seja, a inovação surge, na esfera empresarial, por meio de alterações na produção. Produção, por sua vez, é entendida como a combinação de recursos materiais e forças disponíveis a qualquer indivíduo. Assim, o empreendedorismo, segundo Joseph Schumpeter, se manifesta quando surgem novas formas de produção. Ele apontou cinco delas: novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados, novas fontes de matérias-primas e novas organizações.

Embora se possa encontrar várias definições para o empreendedorismo, algumas noções são frequentemente associadas ao fenômeno empreendedor. Por exemplo, o empreendedorismo é visto como um conjunto de práticas ou processos que se relacionam à busca e à exploração de oportunidades que levem à criação de novas organizações ou inovações em organizações já existentes. Estas práticas e processos estão relacionados à integração e à aplicação de recursos e competências visando a criação de valor. Assim, o empreendedorismo se incorpora e surge a partir de processos decisórios que buscam a sustentabilidade a longo prazo de novos empreendimentos. Entre essas decisões, encontram-se: a escolha de um campo de atuação; a oferta de produtos ou serviços; a adoção de tecnologias para a produção dos produtos ou prestação de serviços; a estruturação de tarefas e processos organizacionais que permitam a atuação de forma eficaz no mercado e sociedade.

A visão ingênua do empreendedorismo como atributo ou característica inata das pessoas logo foi suplantada por visões mais abrangentes. No início dos anos 1980, Arnold Cooper¹¹ propôs um conjunto de fatores relacionados à ideia de que a ação empreendedora poderia ser es-

¹⁰ O livro de Schumpeter foi traduzido para o português. Ver, por exemplo, Schumpeter (1988).

¹¹ Cooper (1981).

timulada ou condicionada pela experiência prévia dos empreendedores em uma organização de trabalho anterior. Cooper denominou esta como organização incubadora¹² e que, junto a outras condições contextuais poderiam explicar a criação de novas empresas. Essas condições eram a localização geográfica, a natureza das habilidades e conhecimentos adquiridos, o contato com possíveis fundadores de outras empresas, a motivação para permanecer ou deixar a organização de emprego e a experiência em um ambiente de pequena empresa. Além disso, ele também sugeriu seis fatores ambientais mais amplos relacionados às condições econômicas na região, à acessibilidade e disponibilidade de capital de risco, à disponibilidade de exemplos de ação empreendedora bem-sucedida, às oportunidades de consultoria, à disponibilidade de pessoal e serviços de apoio e à acessibilidade aos clientes.

Quatro anos depois, William Gartner¹³ apresentou um modelo teórico do processo de formação de uma nova empresa. As dimensões incluídas nesse processo eram os indivíduos, a organização, o processo e o ambiente. Na última, ele retomaria ideias anteriores de um artigo seminal¹⁴ em que foram sugeridos 12 fatores ambientais que influenciariam a criação de novas empresas: disponibilidade de capital de risco; presença de empreendedores experientes; força de trabalho tecnicamente qualificada; acessibilidade de fornecedores; acessibilidade a clientes ou novos mercados; influências governamentais; proximidade de universidades; disponibilidade de terreno ou instalações; acessibilidade de transporte; atitude da população da região em relação ao empreendedorismo; disponibilidade de serviços de suporte; e condições de vida na região.

No mesmo ano, Sue Birley¹⁵ comentou sobre o que considerava uma falha dos estudos que seguiram a linha de Arnold Cooper. Para ela, ao se concentrarem na organização incubadora, ou seja, fazendo refe-

¹² Este termo não deve ser confundido com o fenômeno das incubadoras de empresas que são mais recentes e se caracterizam por oferecerem diversos serviços e infraestrutura para organizações que estão em seus estágios iniciais.

¹³ Gartner (1985).

¹⁴ Bruno e Tyebjee (1982).

¹⁵ Birley (1985).

rência ao emprego anterior do empreendedor, os estudos deixavam de abordar as redes de contatos utilizadas pelos empreendedores para acessar informações e recursos. Assim, Sue Birley seria uma das primeiras a dividir essas redes em formais (bancos, contadores, advogados, organizações públicas de apoio ao empreendedorismo) e informais (família, amigos e contatos de negócios).

No começo dos anos 1990, Edward Malecki¹⁶ analisou o surgimento de novas empresas nos Estados Unidos. Ressaltando a dificuldade de uma precisa conceituação do ambiente empresarial, ele sugeriu que fossem consideradas: a predominância de filiais de grandes empresas de fora em oposição à de empresas locais, visto que as primeiras inibiriam o empreendedorismo; a escassez ou munificência de infraestrutura; habilidades de informação e acesso a recursos pelos potenciais empreendedores; capital de risco; e organizações incubadoras. Para Edward Malecki, o que caracterizaria um clima empreendedor em uma região seria a existência de uma rede bem conectada, incluindo investidores informais e formais, empreendedores anteriores e atividades inovadoras.

James Moore¹⁷ é creditado, por muitos estudiosos do campo, por ter iniciado a busca por uma abordagem ecossistêmica quando cunhou o termo “ecossistema de negócios”. No entanto, ele estava focado principalmente em uma perspectiva de gestão estratégica relacionada à inovação e não ao empreendedorismo. Neste sentido, James Moore sugeriu que uma empresa deve ser vista como parte de um ecossistema de negócios, e não apenas como ligada a um setor empresarial. Para o autor, as empresas de vários setores cooperam no desenvolvimento de capacidades em torno de uma inovação, cooperando e competindo na oferta de novos produtos e na satisfação das necessidades dos consumidores.

Ao tratar da capacidade empreendedora de uma região, Olav Spilling¹⁸ enfatizou a multiplicidade de ações desempenhadas por vários atores e instituições em nível regional e como essas ações contribuem para o dinamismo, desempenho e transformação de longo prazo das

¹⁶ Malecki (1990).

¹⁷ Moore (1993).

¹⁸ Spilling (1996).

economias regionais. Um pouco antes, Devi Gnyawali e Daniel Fogel¹⁹ haviam proposto que um ambiente empreendedor seria a combinação de fatores econômicos, socioculturais e políticos que influenciam o desejo e a habilidade das pessoas em empreender. Ao mesmo tempo, a disponibilidade de serviços de apoio e assistência aos potenciais empreendedores fariam parte deste ambiente empreendedor.

Jennifer Spencer e Caroline Gómez²⁰ adotaram a noção de ambiente institucional de um país para pesquisar a influência das dimensões normativa, cognitiva e regulatória sobre o empreendedorismo. Para elas, as instituições normativas estão relacionadas ao nível de admiração que os empreendedores e a atividade empreendedora recebem da população de um país. A dimensão cognitiva, por outro lado, se refere aos conhecimentos e habilidades que as pessoas têm, bem como os modelos mentais que elas usam para categorizar, avaliar, armazenar e recuperar informações. Por fim, a dimensão regulatória é composta por legislação, políticas de fomento e apoio, e outros mecanismos que podem estimular ou coibir comportamentos empreendedores individuais.

No mesmo ano, Heidi Neck e seus coautores²¹ estudaram a criação de novas empresas no Condado de Boulder, em Colorado, nos Estados Unidos, aplicando as ideias de Olav Spilling sobre um sistema para o empreendedorismo e Andrew Van de Ven sobre a infraestrutura para empreendedorismo. O estudo revelou que incubadoras de empresas, *spin-offs*²², redes formais e informais, infraestrutura física e a cultura regional foram os componentes centrais para o desenvolvimento do ecossistema empreendedor de Boulder.

Outro termo que pode ser considerado antecedente ao uso dos ecossistemas empreendedores surgiu em artigo mais recente de Erkkö Autio e seus colaboradores.²³ Os autores observaram a necessidade de explorar as influências dos diferentes tipos de contextos nas configura-

¹⁹ Gnyawali e Fogel (1994).

²⁰ Spencer e Gómez (2004).

²¹ Neck, Meyer, Cohen e Corbett (2004).

²² *Spin-offs* são novas empresas que surgem a partir de ações inovadoras em empresas já existentes e que são criadas por empregados que estiveram envolvidos com a inovação na empresa da qual surgem.

²³ Autio, Kenney, Mustar, Siegel e Wright (2014).

ções dos ecossistemas. Mais especificamente, sugeriram a existência de contextos: industriais e tecnológicos; organizacionais; institucionais e políticos; sociais; temporais; e espaciais. Para eles, a interação entre as variações nesses elementos contextuais e os empreendedores poderiam constituir diferentes ecossistemas de inovação empreendedora.

Ainda no mesmo ano, Zoltan Ács, Erkkó Autio e László Szerb²⁴ introduziram o conceito de Sistemas Nacionais de Empreendedorismo (*National Systems of Entrepreneurship*), definindo-os como sistemas de alocação de recursos que são guiados pela busca de oportunidades ao nível do indivíduo, por meio da criação de novas empresas, sendo esta atividade e seus resultados regulados por características institucionais específicas ao nível do país.

A partir do conceito de Sistemas Nacionais de Empreendedorismo, surgiu um método para caracterizá-los com base no cálculo de um índice. Esse índice, a partir de uma abordagem sistêmica, inclui a identificação de gargalos que prejudicam o desempenho do sistema, bem como a contextualização de uma moldura institucional para cada país.

Esse modelo de análise foi usado para descrever o caso brasileiro.²⁵ Naquele momento, os autores adotaram o termo ecossistema empreendedor nacional (*national entrepreneurial ecosystem*). Os dados apontaram que o Brasil tinha, à época, um ecossistema marcado por uma baixa internacionalização das empresas e um baixo nível de inovação em produtos e processos. Ademais, outros gargalos do ecossistema empreendedor brasileiro eram a formação de capital humano e as poucas empresas de alto crescimento.

Mesmo em propostas mais recentes em que o ambiente não é explicitamente mencionado, pode-se observar sua relevância. Assim, por exemplo, Saras Sarasvathy²⁶, ao apresentar uma abordagem inovadora para o campo do empreendedorismo (*Effectuation*), chamou a atenção para as redes de relações que permitem aos empreendedores ter acesso a recursos e informações necessárias na criação e desenvolvimento de novas empresas ou oportunidades de negócios.

²⁴ Ács, Autio e Szerb (2014).

²⁵ Inácio Júnior, Autio, Morini, Gimenez e Dionisio (2016).

²⁶ Sarasvathy (2001; 2008).

Em síntese, entre os anos 1970 do século passado até meados da década de 10 do atual, termos como ambiente empreendedor, sistema empreendedor e outros similares foram os mais usados. Ecossistema empreendedor surgiu no início dos anos 2000, mas se tornou dominante na literatura apenas a partir de 2016, com o crescimento dos estudos sobre o tema. No próximo capítulo, apresenta-se a conceituação de ecossistema empreendedor e seus componentes.

O livro tem por objetivo ampliar o acesso de estudiosos, empreendedores e formuladores de políticas públicas, em qualquer nível de governo, a questões e aspectos relevantes dos ecossistemas empreendedores.

A intenção é que o livro possa ajudar aqueles que busquem informações introdutórias sobre ecossistemas empreendedores. Ao longo dos nove capítulos que o integram, além da introdução e conclusão, foi abordada uma sequência de temas que permitirão ao leitor uma visão abrangente sobre ecossistemas empreendedores, seus antecedentes, bem como a diversidade de modelos que surgiram ao longo do tempo. Também, o leitor poderá conhecer os potenciais efeitos e benefícios que os ecossistemas empreendedores acarretam e as formas de políticas públicas os estimularem.

Ao mesmo tempo, pensou-se na possibilidade de que o livro pudesse ser uma fonte de consulta mais geral sobre ecossistemas empreendedores. Assim, ao final do livro, encontra-se uma extensa bibliografia adicional, bem como algumas informações sobre onde e por quem o tema dos ecossistemas empreendedores tem sido mais investigado enquanto campo de pesquisa.

De igual forma, o anexo deste livro apresenta uma lista de organizações brasileiras e estrangeiras que têm produzido, ao longo do tempo, estatísticas, relatórios e estudos sobre ecossistemas empreendedores. Para cada organização identificada, há uma breve descrição de seu escopo e o endereço de seu sítio na internet.

Em suma, além do seu caráter introdutório, a esperança é que este livro sirva de fonte de informação para os diversos públicos que podem se interessar pelo tema. Ele também pode ser usado como base para o ensino de graduação em disciplinas de Empreendedorismo.

